

Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

António Ventura dos Santos Pinto

*Escola E/B 2,3 Frei João, Vila do Conde*

## *Crer não crendo: religião e religiosidade em José Régio*

### Resumo

Descobrir na complexidade da obra de José Régio a sua faceta religiosa é um desafio permanentemente colocado e sempre inacabado. Fazê-lo à luz da fenomenologia religiosa permitiu-nos descobrir um pouco mais do homem, do criador, das suas inquietações, do seu percurso de vida. Percorrer analiticamente a *Confissão dum Homem Religioso*, *Mas Deus é Grande*, *As Encruzilhadas de Deus*, *Cântico Suspenso*, *Poemas de Deus e do Diabo*, *A Chaga do Lado* e tantas outras das suas obras foi essencial para percebermos o “menino adolescente que aceitava verdades familiares e tradicionais”, o “crer não crendo”, o “labirinto”, o “homem esmagado entre Deus e o Diabo”, mas também o homem que afirma “...E nos silêncios do meu verso, Fala tu! Voz Suprema do Universo”.

### Abstract

To discover José Régio's religious side in the intricacy of his works is a constant and never-ending challenge. To do so in the light of religious phenomenology allows us to learn more about the man, the creator, his torments and his life history. An overview of his works (namely, *Confissão dum Homem Religioso*, *Mas Deus é Grande*, *As Encruzilhadas de Deus*, *Cântico Suspenso*, *Poemas de Deus e do Diabo*, *A Chaga do Lado* and many others), from an analytical perspective was essential in broadening our perception of the “young teenager who accepted familiar and traditional truths”, his “to believe not believing”, the “labyrinth”, the “man crushed between God and the Devil”, and also the man who states: “... And in the silences of my verse, Speak you! Oh Supreme Voice of the Universe”.

*Tivemos a dita de almoçar ao lado de José Régio no “João da Ester” em Vila do Conde e vimos-lo demandar o mosteiro de Singeverga, já quase no fim da vida, ávido de encontrar, naquele meio de vivência católica e monástica, o Deus que ele, qual filho pródigo da £, presentia e desejava.*

Geraldo J. Amadeu Coelho Dias *in* Apresentação de *O Aspecto Religioso em José Régio*

## 1. Nota introdutória

Descobrir nas incursões poéticas e ficcionistas de um autor a riqueza da sua personalidade, o seu talento criador, as suas inquietações e “encruzilhadas” de vida é sempre uma tarefa em permanente (re)construção, um processo de descoberta em que o “objecto” em análise se vai revelando em toda a sua riqueza e plenitude mas sempre correspondendo às questões e anseios de cada um dos “sujeitos cognoscentes”, muitas vezes participantes activos do percurso biográfico e/ou intelectual do autor, que dessa forma contribuem para o aprofundamento do conhecimento nas suas diversas facetas.

José Régio é, nesta perspectiva, um referencial inesgotável, atraindo as atenções quer de investigadores, quer dos seus contemporâneos vilacondenses, seus contemporâneos ou mesmo de gerações mais jovens, afirmando a permanente actualidade da sua obra e a riqueza da sua personalidade.

Vilacondenses, foi enquanto jovens que descobrimos Régio e “ousamos” conhecer um pouco mais da sua vida e obra<sup>1</sup>, centrando-se a análise então efectuada na sua faceta religiosa e que agora aqui afloramos de forma sintética<sup>2</sup>.

## 2. A problemática

As palavras de João Marques são deveras elucidativas ao caracterizar o homem José Maria dos Reis Pereira:

*“De correctas e agradáveis proporções físicas, José Régio, pseudónimo literário de sua escolha, era de baixa estatura, franzino, frágil e hipersensível, de temperamento apreensivo e receoso, de feitio aável, mas complicado”<sup>3</sup>. “Quería-se literato sem*

---

<sup>1</sup> Cf. AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos – *O Aspecto Religioso em José Régio*. Vila do Conde, 1985. [Estudo desenvolvido sob a orientação do Prof. Doutor Geraldo J. Amadeu Coelho Dias, a quem prestamos a nossa sincera homenagem e gratidão, e distinguido com o primeiro prémio no concurso promovido pela Junta de Freguesia de Vila do Conde no âmbito das comemorações do 15º aniversário da morte de José Régio].

<sup>2</sup> Para uma perspectiva global da sua vida e obra veja-se a recente síntese de MARQUES, João Francisco – *Raízes e percurso de José Régio (1961-1969)*. Vila do Conde : Centro de Estudos Regionais de Vila do Conde, 2001.

*partido e escritor verdadeiramente independente. Sabia escutar, era franco, leal, corajoso e sereno. Acolhia os jovens mas recusava adulá-los. Detestava a demagogia. Foi em grande parte impopular devido à sua originalidade autêntica”<sup>4</sup>.*

No traço desta originalidade sobressai o problema religioso<sup>5</sup> o qual foi, de facto, um dos mais candentes e evidenciados na vida e obra de José Régio, pois, como ele próprio dizia, já no fim da sua vida, “sempre debatera e ainda agora mais debatia consigo mesmo e com os outros o problema de Deus, tema central de toda a sua obra”<sup>6</sup>.

Daqui extraímos a primeira e fulcral questão que importava esclarecer: era ou não Régio um homem religioso? Não será o homem que diz “crer em Deus mesmo não crendo”<sup>7</sup> profundamente religioso? Isso se poderá concluir. Mas de um indivíduo que afirma, falando da sua luta com Deus, “aliás um Deus sobre cuja existência tinha muitas dúvidas, sobre cuja natureza (admitida já a sua existência) nada sabia, e sobre cujas relações com o homem ignorava tudo”<sup>8</sup>, que pensar?

Este problema atormentou-o durante quase toda a sua vida. Era um labirinto com muitas questões que precisavam de respostas, as quais só tinham de ser dadas por Régio e por mais ninguém. “Tinham de vir do fundo de mim”<sup>9</sup> – conclui ele próprio. Sinuoso foi o caminho percorrido por Régio para as conseguir, o que nos é, aliás, mostrado por ele no seu poema *Cântico Negro*: “Não sei por onde vou/ Não sei para onde vou”<sup>10</sup>. O caminho que o poeta escolhe é sempre marcado por duas tendências, dois extremos: Deus e o Diabo<sup>11</sup>, a vida religiosa e a vida da boémia, o creio e o não creio. Doutra forma não poderia ser, pois, e demos novamente a palavra ao escritor, “Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém; (...) Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo”<sup>12</sup>.

---

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*, p. 5.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 20-21.

<sup>5</sup> Para a exploração desta temática revelou-se como fundamental a análise detalhada de *Confissão dum homem religioso, Poemas de Deus e do Diabo, As encruzilhadas de Deus, Cântico suspenso e A chaga do lado*. Pela sua proximidade, salientamos a perspectiva avançada pelo seu irmão, aquando do 1º Centenário do Nascimento de José Régio, e publicado em PEREIRA, João Maria – *O aspecto religioso na vida de José Régio*. Vila do Conde : Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001.

<sup>6</sup> RÉGIO, José – *Confissão dum homem religioso*. Porto : Brasília Editora, 1971, p. 11.

<sup>7</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 125-129.

<sup>8</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 79.

<sup>9</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 120.

<sup>10</sup> RÉGIO, José – *Poemas de Deus e do Diabo*. 9ª ed. Porto : Brasília Editora, 1978, p. 59.

<sup>11</sup> Para um esclarecimento mais aprofundado cf. com a Parte II de AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos - *Op. cit.* p. 26-27, no qual são rebatidas falsas ilações que daqui se possam tirar.

<sup>12</sup> *Cântico negro* in RÉGIO, José – *Poemas de ... (op. cit.)* p. 59.

Uma outra questão que suscita a abordagem da religiosidade de Régio é oriunda da simplista interpretação feita das suas obras por uma sociedade que se rege por normas pré-estabelecidas, preconceitos, crenças e rituais com fronteiras já delimitadas e que não consegue entender a particular maneira com que o poeta sente e vive a sua religiosidade. Que Régio vivia profundamente a religião, concluir-se-á de uma análise um pouco mais cuidada, séria e profunda da sua obra. Vivia e tinha plena consciência disso (pois o próprio dilema Deus e Diabo acaba por ser, como à frente mostraremos, prova da sua religiosidade<sup>13</sup>), mas vivia a sua religião, que lhe era própria e não regida por regras universais, que visam, sobretudo, o externo, o aparato, o formal da religião. Depressa, contudo, o poeta acaba por perceber quanto é marginal a sua religiosidade dentro do mundo que o rodeia: “Sou bem diferente! / Perdi-me do meu Planeta”<sup>14</sup>.

### 3. O homem religioso

“O ambiente familiar das raízes de Régio, com destacada referência em *A Velha Casa* e em *Confissão Dum Homem religioso*, era o da média burguesia minhota de profunda religiosidade católica, na devoção mariana, reza comunitária e comunhão frequente”<sup>15</sup>.

No que concerne ao aspecto religioso e na privilegiada perspectiva de João Maria dos Reis Pereira<sup>16</sup>, um dos seis irmãos do escritor, é possível encontrar três fases na vida de Régio: a primeira enquanto “menino adolescente que aceitava “verdades” familiares e tradicionais... Um seu avô era um verdadeiro guardião desse ambiente”<sup>17</sup>, função também desempenhada pela tia-avó Maria Libânia; a segunda reporta-se a um Régio já adulto mas com resto de adolescência preocupado em através de um labirinto analítico “se consciencializar e implicitamente continuar a aceitar ou não verdades”, abandonando certezas numa constante dialéctica do crer-não crendo; a terceira e última fase coincide com a de um homem verdadeiramente consciente e que confirma a sua “Crença”.

No estudo por nós realizado esse percurso foi também evidenciado<sup>18</sup>. Iremos, contudo, centrar a nossa atenção no homem “consciente”, retomando para uma melhor contextualização os principais traços do riquíssimo período do “labirinto”

<sup>13</sup> Cf. pp. 8-10.

<sup>14</sup> *O santo de pedra* in RÉGIO, José – *Poemas de ...* (op. cit.) p. 37.

<sup>15</sup> MARQUES, João Francisco – *Raízes e percurso de José Régio (1961-1969)*. Vila do Conde : Centro de Estudos Regianos de Vila do Conde, 2001, p. 5.

<sup>16</sup> PEREIRA, João Maria – *O aspecto religioso na vida de José Régio*. Vila do Conde : Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 3.

<sup>18</sup> Cf. Parte I e II de AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos - - *Op. cit.* p. 21-30.

no qual se tornava evidente a existência de um espírito ansioso por encontrar uma certeza e sair da eterna dúvida<sup>19</sup>, em que há um espírito numa luta e num dilema constantes, sendo essencial saber: Quem era José Régio no meio de todo este labirinto? Quem era ele “perdido neste caos”? No meio de tudo isto, não era senão “um pobre ser fraco, volúvel, contraditório, incapaz de agarrar algo de seguro e definitivo, inapto a qualquer fé e acção correspondente”<sup>20</sup>. Entre Deus e o Diabo, ele sentia-se:

“...pequeno e miserando,  
Vibrando todo, tumultuando, soluçando,  
Com olhos meigos, lábios torpes - indeciso  
Entre um inferno e um paraíso!”<sup>21</sup>

Apesar de tudo isto, o nosso poeta não cai no desespero e continua a “ir vivendo”. Para isso grandemente contribuí, para além da criação artística, da insuficiência ou fragilidade da sua vocação mística, a própria complexidade do labirinto. Como uma doença que se alimenta a si mesma, era, também, a complexidade do labirinto que fazia com que Régio o fosse suportando. Um abismo que o fazia conhecer a si mesmo<sup>22</sup> e – reconhece o próprio autor – “Interminável seria a descrição deste labirinto em que longos anos me tenho vindo perdendo”<sup>23</sup>.

Todavia “chegou o momento de perguntar: De todos esses ganhos e perdas – ganhos que nunca parecem seguros, perdas que porventura nunca o são totalmente – que fica de positivo e firme? Sou, ou não, o homem religioso que ousou proclamar-me no próprio título deste livro?<sup>24</sup> E qual a minha fé? – se fé em mim resiste ao contínuo vaivém de razões e contra-razões, movimentos de adesão e fuga, crenças intercalares e perplexidades e dúvidas, que tenho vindo seguindo nas páginas que aí deixo”<sup>25</sup>. Estão levantados, pelo próprio Régio, os principais problemas.

Todo o homem tem a sua experiência religiosa. É impossível não tê-la pois, como para R. Otto, esta surge intrinsecamente, por conaturalidade; quer dizer, o conhecimento que temos do sagrado é próprio da natureza humana bem disposta,

<sup>19</sup> Note-se que a crise consiste na dúvida.

<sup>20</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 107.

<sup>21</sup> *Painel*, in RÉGIO, José – *Poemas de ...* (op. cit.) p. 13. Recorde-se que Inferno e Paraíso devem ser vistos como períodos em que Régio se esquecia de Deus e períodos em que se aproximava d’Ele.

<sup>22</sup> Cf. com a expressão: “Neste abismo é que tu me fazes conhecer a mim mesmo” retirada de *Da imitação de Cristo* in RÉGIO, José – *Poemas de ...* (op. cit.) p. 7.

<sup>23</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 128.

<sup>24</sup> *Confissão dum homem religioso*.

<sup>25</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 225.

existe em todos nós de maneira instintiva. Esta experiência religiosa explica-se pelo facto de o homem se dar conta de algo completamente diferente de si aquilo a que o mesmo Otto chama o “completamente outro”. Esta experiência ou sentimento do sagrado está sempre protegida contra o exame crítico da razão, porque esta não a pode explicar ou, ainda mais, a não a pode atingir. Ora, esta experiência vai exteriorizar-se, vai comunicar com as outras, surge a necessidade de lhe dar forma humana, de criar uma linguagem religiosa, dando, assim, origem às várias religiões institucionalizadas. Temos, portanto, que toda a religião surge de uma forma mais ou menos espontânea ao derivar do mistério íntimo da pessoa.

Segundo Van Der Leeuw, a chegada ao conhecimento da religião é algo comum aos homens, qualquer que seja a sua mentalidade, é uma atitude do comportamento humano.

Também Mircea Eliade conclui que, no ambiente humano (individual e colectivo), existem arquétipos religiosos inatos, estruturas profundas que são as mesmas em todos os homens, tempos e lugares.

Do ponto de vista social, e voltando novamente às concepções de Van Der Leeuw, o fenómeno religioso é um fenómeno constante. Podemos dizer que a religião é um facto universal e que o homem não pode libertar-se do eterno religioso.

É, à luz da fenomenologia religiosa, e em traços gerais e simples, esta a evolução de todo o fenómeno religioso desde a sua percepção pelo ser individual, passando pela sua extensão à comunidade e acabando no aparecimento das religiões como organismos institucionalizados. Mostra-nos esta breve introdução que não há a-religiosos, o que poderia, desde já, servir para demonstrar que Régio era um homem religioso e, assim, escusado seria irmos mais longe. Parece-nos, contudo, que a premissa é muito global, muito discutível e muito mais complexa do que se mostra. À luz desta ideia e desta análise da religião, partamos então para o caso específico de José Régio.

Começemos por dizer que o nosso escritor é uma pessoa, tem as suas ideias e posições perante a religião e, se nós queremos, neste capítulo, mostrar que ele sempre foi, afinal, um homem religioso (o que achamos não ser difícil), não será nosso objectivo fazer a apologia ou doutrina da sua religiosidade. No domínio da religião não há posições que se possam assumir como totalmente correctas, como universalmente exactas, como únicas e superiores a todas as outras. Há várias religiões, cada qual com múltiplas perspectivas, inúmeras formas de as seguir e de nelas se inserir, não sendo umas melhores que outras, não havendo nenhuma nem ninguém que tenha a chave exacta do mistério. Ora, também não ia ser Régio a tê-la e a sua posição religiosa acaba por ser tão discutível como qualquer outra.

Não vamos aqui entrar nessas discussões, preocupando-nos, isso sim, em lançar os contornos dessa posição, ou melhor, dessas posições.

Convém começar por referir que o aspecto intelectual e a predominância da razão em Régio são essenciais para a compreensão da sua religiosidade. Podemos dizer que o nosso poeta é um cristão sem fé. Talvez a expressão seja exagerada na medida em que pode, desde logo, pôr-se em dúvida se ele era ou não cristão. Se entendermos cristão como aquele que crê em Cristo, Filho de Deus, Deus feito Homem, então teremos de dar razão aos que afirmam que Régio não o era. Contudo, se esse mesmo termo for entendido como sendo aquele que vê em Cristo o exemplo mais perfeito do ser que busca a Santidade, tentando, pois, assemelhar-se o mais possível a esse exemplo, então sim, então Régio terá de ser colocado no rol dos cristãos. Mas, seja qual for a perspectiva pela qual se analise a questão, nós não conseguimos encontrar melhor expressão para sintetizar aquilo que pensamos. O que nós queremos dizer quando afirmamos que Régio é um cristão sem fé, é que ele só acredita pela fé naquilo que racionalmente não pode ser examinado ou mesmo derrubado. Explicando melhor, ele crê, por exemplo, em Deus porque, por um lado, a sua razão não O pode derrubar e, por outro, porque não consegue a sua lógica atingir a Divindade, ficando ele, pelo raciocínio, sem a certeza da existência de Deus. Nestas circunstâncias só se pode crer pela fé. Aliás, isto tem de acontecer em todos os homens. Há domínios que a nossa razão não consegue explicar, destruir, abarcar, mas que também não são incompatíveis com ela. As mais profundas questões levantadas pela religião (qualquer que ela seja) não são irracionais mas a-rationais, isto é, não vão contra a razão mas ultrapassam-na. São, como diz Van Der Leeuw, questões que caem na esfera do metalógico, que estão para além da lógica. Ora, em José Régio, tudo o que pode passar pelo filtro da razão passa e é, tendo por base de toda a sua análise essa mesma razão e pelo seu uso sistemático, que ele, em relação, por exemplo, à religião católica descreve a divindade de Jesus, na Virgindade de Maria, no dogma da Santíssima Trindade<sup>26</sup>. Estas são, no entanto, questões que Régio, por jogos mais ou menos hábeis da razão, pela leitura e confronto de estes ou aqueles livros (principalmente os Evangelhos) e pela aplicação de um exame crítico-racional a essas mesmas leituras, consegue facilmente desmitologizar. Resuma-se então, e à guisa de conclusão, que Régio só crê pela fé quando já não o pode fazer pela razão, só usa aquela quando esta já não chega, quando os seus limites são ultrapassados.

Em relação à existência de Deus, José Régio nunca tomou uma posição de ateu. O máximo que se pode dizer é que ele duvida da Sua existência, dúvida que, no entanto, nunca o leva a afirmar o contrário mas condu-lo, sim, a uma atitude de procura constante da Divindade. Várias razões existem para que ele

---

<sup>26</sup> Problemas detalhadamente analisados em AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos – *Op. cit.* p. 22-25.

nunca assuma um ateísmo declarado: em primeiro lugar, porque ele realmente nunca o foi; depois, porque houve algo com que sempre se preocupou extremamente durante toda a sua vida – nunca quis que as outras pessoas perdessem a fé devido aos seus períodos de frieza, isto é, nunca quis ser origem de ateísmos ou descrenças alheios –; finalmente, e relativamente à ideia de negar Deus, porque ele sentia uma “espécie de constrangimento”, um quase pavor que lhe era muitas vezes inexplicável. Aliás, e esta é que poderá ser realmente a última das razões, se a sua atitude perante o problema da existência de Deus era de dúvida e se esta lhe impossibilita a certeza d’Essa existência, também não lhe permite afirmar o contrário.

O facto de Régio ser constantemente arrastado por dúvidas, com os consequentes períodos de frieza ou indiferença para com a religião (como já atrás referimos), condu-lo a um labirinto onde o poeta trava inúmeras batalhas tentando encontrar uma resposta. É neste momento que a fé dá com mais frequência lugar à razão<sup>27</sup>. Mas a razão não atinge o que está para além dela e, apesar de o poeta ter ouvido e sentido as solicitações de Deus, continuou-se “... Em confusões, em dúvida, em descrença...”<sup>28</sup>. Realmente, é este o período que poderá ser considerado o mais crítico da religiosidade de Régio. Contudo, mesmo aqui, ele nunca nega abertamente a existência de Deus. Difícil será mesmo afirmar, a quem quer que analise a obra deste escritor, ser esta a fase em que ele mais se afasta da Divindade. É um problema demasiado complexo para ser resolvido com tão simples expressão. Este labirinto pode até (e deve, em nosso entender) ser visto como verdadeira prova da fé e da religiosidade de Régio. Talvez, nesta fase, lhe seja difícil encontrar a certeza da sua crença em Deus, pela conjugação de dois factores que, à primeira vista, podem parecer contraditórios mas que, na realidade, não o são: é o crer não crendo de que ele nos fala tantas vezes. Expliquemos melhor: José Régio vê a luz no fundo do túnel, isto é, pressente, e intimamente crê, que Deus existe, que, por detrás de todas aquelas dúvidas, está uma certeza e que toda a sua batalha nada mais é do que a vontade de a aclarar e cristalizar. Portanto ele crê. Contudo, e também já o referimos, as verdades e certezas para José Régio são, ou devem ser, filtradas pela razão. Mas, não podendo nela cimentar a sua crença, ele não pode crer. Ordenando ideias, Régio admite que crê (pela fé) embora reconheça que, racionalmente, o não pode fazer. Contudo, talvez ele em menos palavras consiga, melhor do que ninguém, explicar todo o problema:

<sup>27</sup> Ver ponto “*O homem esmagado entre Deus e o Diabo*” in AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos – *Op. cit.* p. 25-30.

<sup>28</sup> RÉGIO, José – *As encruzilhadas de Deus*. 6ª ed. Porto : Brasília Editora, 1970, p. 197.

*“Pois de ti, que sei eu? Só sei que te amo,  
E te recuso, e tu me foges, e ando  
De ti e mim falando em sons que clamo  
Como se fossem de se andar clamando...  
Sei que existes na voz com que te chamo,  
Como na com que fujo ao teu comando!  
E sei que tudo o que não sei, um dia,  
Nem saberei, sequer, que o não sabia...”*<sup>29</sup>

Se durante longos períodos quase nem sequer se lembrava de Deus, havia momentos em que um sentimento vago, mal definido, mas profundo, o dominava, sentindo ele que lhe faltava algo de essencial, o que lhe provocava um vazio, um sentimento de ausência. Já aqui, um facto é indubitável: Régio precisa de Deus. Mas a que níveis?

Certamente que esta questão se ligará (não só nesta pessoa como em qualquer um de nós) com a concepção ou concepções de Deus<sup>30</sup> – concepção antropomórfica e a concepção transcendente – a abordar adiante. Por ora, preocupemo-nos em responder à questão levantada.

Tal como em relação às suas formas de conceber a Divindade, são também dois os níveis a que Régio precisa de Deus, sendo através das orações que melhor os podemos conhecer, pois o poeta rezava muito<sup>31</sup>. Ressalta de uma forma evidente que se situavam ao nível mais elementar as necessidades que levavam Régio a recorrer a Deus. Seria muito mais normal que as sentisse um homem simples, um homem que só concebe Deus e o seu poder na presença de uma imagem, um daqueles seres que vive uma religiosidade concreta, que se ligue ao seu dia-a-dia. Num indivíduo que pratica uma vida religiosa que se lhe apresenta directa e objectivamente mas que, para além dela, qualquer passagem para o mundo mais real duma religião baseada em ideias<sup>32</sup> já o deixa inseguro, num indivíduo destes, dizíamos (sem qualquer menosprezo por estes, ou dúvida em relação à sua profunda religiosidade), compreende-se. Régio, contudo, com a sua formação intelectual, com o seu nível cultural, poderia, a nosso ver, ultrapassar este grau. Porém a realidade é outra e a principal necessidade de Deus, em José

---

<sup>29</sup> *Sarça Ardente* in RÉGIO, José – *As encruzilhadas ...* (op. cit.) p. 198.

<sup>30</sup> Cf. com a concepção antropomórfica e a concepção transcendente cuja análise é efectuada em AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos – *Op. cit.* p. 29.

<sup>31</sup> Cf. com a seguinte cit.: “Dias havia em que rezava padre-nossos todo o dia”, in RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 136. O Pai-Nosso, refira-se, era a sua oração preferida.

<sup>32</sup> Por “religião baseada em ideias”, entenda-se religião cujas cúpulas não são realidades que nós podemos tocar, ou ver concretamente, mas que só as podemos conceber mentalmente.

Régio, envolvia uma satisfação terrena às suas necessidades terrenas<sup>33</sup>. Muitas vezes era para “achar um objecto perdido, deixar de ter uma dor de cabeça ou de dentes, melhorar de uma doença, conseguir a cura dum parente amigo, ser feliz em qualquer pequeno negócio ou transacção”<sup>34</sup>, pedir pela alma de um ente querido que faleceu, que Régio se dirigia a Deus e pedia o Seu auxílio. Era a este nível que este homem mais precisava da Divindade. Ele próprio se sentia muitas vezes “inquieto, perturbado e envergonhado” com o “nível rasteiro” de algumas das suas actuações perante Deus, e da forma como se associava a Ele, pedindo-Lhe que lhe acudisse nas suas particularidades humanas, exigências psico-fisiológicas, graças e desgraças terrenas<sup>35</sup>. Veja-se toda a sua amargura neste parágrafo: “O quê?! como ousa pedir a Deus estas ridicularias? Que tem Ele com estas minhas mesquinhas? Que Deus é este a que me dirijo? Creio sequer, n’ Ele? Espero corrigir os seus desígnios? Não sabe Ele o que melhor me convém, lhe convém? Pode alterar Ele mesmo o que a sua simples existência determinou?”<sup>36</sup>.

O outro nível de necessidades também em Régio se verificava. Já referimos<sup>37</sup> que à segunda concepção de Deus (que às necessidades se liga) também por vezes o escritor se conseguia elevar, o que acontecia, porém, de uma forma mais rara. Os seus pedidos a Deus para, por exemplo, aumentar a sua fã, aumentar a sua capacidade de amar o próximo, isto é, problemas de carácter menos concreto mas mais teórico e metafísico, eram menos frequentes. Estas e outras necessidades de nível mais transcendente de pouco lhe valiam. Para quem procura Deus e o conhecimento de Deus, para quem reconhece a sua pequenez e insignificância no âmbito da Criação e que, logo, precisa de um Deus onnipotente, aquele Deus Metafísico, que satisfaz necessidades menos terrenas, de pouco vale.

Tentando relacionar estes dois níveis de pedidos de Régio a Deus com o seu estado de espírito na altura em que os fazia, podemos dizer que o poeta rezava em dias de aflição e angústia, e em dias de calma e felicidade. Nos primeiros, os seus pedidos visavam a satisfação de necessidades terrenas, primeiro nível que referimos. Nessas ocasiões, o poeta “pedia socorro”. Nos dias de calma e felicidade, as necessidades para que o poeta pedia satisfação eram, sobretudo, as que mencionamos em segundo lugar, isto é, necessidades ligadas à fã, a problemas de espírito, etc. Nestas alturas o espírito de Régio elevava-se a Deus por vezes até “por um movimento de gratidão” ou mesmo “por uma necessidade de comunicar com

---

<sup>33</sup> Cf. com a seguinte cit.: “A minha necessidade de Deus também envolvia uma satisfação terrena àquelas necessidades terrenas”, in RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 125.

<sup>34</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 134.

<sup>35</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 141.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>37</sup> Cf. nota 30.

Ele e glorificá-lo”. Mas gratidão porquê? Gratidão, primeiramente, por ter criado o Mundo e, depois, por atender a algumas súplicas que ele Lhe faz<sup>38</sup>.

Fizemos aqui sobressair a oração como meio de Régio contactar com Deus. Esta, contudo, não era o único meio de o fazer, mesmo para ele. Fizemos já referência à necessidade e à inevitável criação de uma linguagem religiosa. É o facto de ter de se dar forma humana à linguagem divina, à tal experiência interna do “numinoso”, como lhe chama R. Otto, que leva o homem a criar essa linguagem que, como é evidente, é, por natureza, limitada e que existe quer ao nível das religiões institucionalizadas, quer ao nível da religiosidade pessoal. Há, porém, e a nosso ver, uma diferença entre elas: enquanto que ao primeiro nível a linguagem é convencionalizada e tem que ser sempre usada quando se executa algum acto litúrgico ligado à religião em causa, ao segundo nível as regras já não são tão marcadas nem tão rígidas, podendo, até, dizer-se que todas as pessoas têm mais ou menos as suas formas próprias de expressão para comunicar com a Divindade. Dêmos, para este grau, o exemplo da oração. Toda a pessoa, em qualquer religião, reza; quão tamanha, contudo, não poderá ser a diferença entre a oração de um católico e a de outro! Aliás (e mais uma vez acentue-se o pessoalismo da opinião), quando uma pessoa reza mais profunda e intimamente, fá-lo, regra geral, através de orações pessoais, que surgem no momento e que têm características saídas do estado de espírito, do motivo que leva a pessoa a orar, da intensidade com que ela ora, da maior ou menor necessidade com que recorre a Deus, etc., etc.. Talvez a melhor prova do que acabamos de dizer seja o caso concreto que estamos a abordar. Na verdade, embora Régio rezasse muito (o Padre-Nosso, sobretudo), considerava que a melhor oração, a melhor linguagem para chegar a Deus, era o silêncio. Esta sim, esta é o supremo meio para comunicar com a Divindade. Mas o que é o silêncio e porque é tão maravilhoso para o nosso poeta? Porque esta era a oração daquilo a que ele chamava “humanidade superior”. Com o silêncio “é a oração qualquer coisa como um gratuito e recíproco apelo entre Deus e o homem”<sup>39</sup>. Quando Régio nada pedia ou agradecia a Deus, a sua oração atingia o silêncio, isto é, a abstenção de qualquer manifestação sensível<sup>40</sup>. Nada melhor, para terminar esta rápida abordagem da linguagem religiosa em geral e em Régio, em particular, do que quatro versos do seu *Poema do silêncio*:

<sup>38</sup> Cf. todo o parágrafo com RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 136.

<sup>39</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 137.

<sup>40</sup> Ver: “Se tantas vezes eu pedia ou agradecia a Deus mercês ridiculíssimas perante a sua imensidade, outras vezes me não atrevia a pedir-lhas ou agradecer-lhas senão por palavras mentais, outras só por sombras de pensamentos, e outras ainda (infelizmente raras) nada lhe pedia ou agradecia, e a minha oração atingia o Silêncio”, in RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 137. Cf., contudo, com todo o conteúdo dessa página.

*“Senhor! que nunca mais meus versos ávidos e impuros  
Me rasguem!, e meus lábios cerrarão como dois muros,  
E o meu Silêncio, como incenso, atingir-te-á,  
E sobre mim de novo descerá...”<sup>41</sup>*

Por tudo o que já ficou atrás exposto, parece já não ser abusivo afirmar que José Régio crê profundamente em Deus. Melhor ainda, Régio não pode conceber a Humanidade, o Homem, a Natureza, o Mundo, sem a existência de Deus. Se Ele não existisse o Mundo seria um absurdo, um conjunto caótico, uma série de problemas e contradições inexplicáveis. É esta mesma ideia da impossibilidade da existência do nosso cosmos sem a de um Deus superior que ele nos revela nestes seus versos:

*“...  
Parado, o relógio mudo  
Repete a imensa charada  
- Sempre viva e já safada -  
De que tudo é nada-nada,  
Se o Nada não tem o Tudo”<sup>42</sup>.*

Todo o nosso universo seria, afinal, nada-nada se não tivesse um Tudo, um Deus, um ser supremo que o guiasse e dominasse.

Mas um outro aspecto fazia José Régio pensar ser impossível a não existência de Deus. Se assim fosse, pensava ele, quão grande era a injustiça cometida com aqueles que seguem as Suas palavras, que se privam do gozo da vida terrena para alcançar o que Ele lhes promete ou prometeu, que vivem em ascetismo para conseguir a Salvação e a Vida Eterna. Tudo isto está bem patente no seu poema *Os Santos*, do qual se torna imprescindível transcrever alguns versos:

*“Vê bem, Deus louco!  
Se os fazes tanto, ou tão pouco,  
Não desfças dos seus fins  
Os próprios teus manequins.  
...  
Na aposta sempre frustrada  
Do tudo ou nada,  
Vê bem, Deus nu!  
Que serão, se o nada és tu?”*

---

<sup>41</sup> RÉGIO, José – *As encruzilhadas ... (op. cit.)* p. 109.

<sup>42</sup> RÉGIO, José – *Cântico Suspenso*. Porto : Brasília Editora, 1971, p. 94.

*Vê bem, Deus mudo!  
Jogaram tudo por tudo.  
Se não existes, perderam:  
Nem sequer foram quem eram.*

E, depois, pede o autor:

*“Por amor, piedade ao menos,  
Dos a quem dás teus acenos,  
Quebra o que em ti nos resiste.  
Paga-nos o que lhes debes: assume existência! existe”<sup>43</sup>.*

Mas em que Deus cria José Régio?

Antes de responder à questão, convém vincar bem duas ideias que podem ter ficado menos claras e sem o perfeito esclarecimento das quais não nos parece poder-se entrar facilmente na compreensão deste ponto, pois poderá parecer a resposta à pergunta colocada contraditória com elas.

A primeira liga-se ao ambiente em que o poeta foi educado. Deixamos já transparecer que a família e as pessoas que rodeiam a infância de Régio tinham uma religiosidade virada para o formalismo, para o ritual, para o exterior. Não há dúvida que isto é um facto o que, contudo, não implica, ou não significa, uma fraca ou falsa religiosidade<sup>44</sup>. É bom que fique explícito que quase todas as pessoas da família de Régio, e, sobretudo, as que mais de perto o contactavam, eram profundamente religiosas. Daí, talvez, que a fé em Deus nunca tenha desaparecido do espírito deste homem.

A segunda ideia relaciona-se com os dois níveis de necessidades que levam Régio a recorrer a Deus. Também em relação a isto, quando se afirma que os principais pedidos que ele fazia à Divindade eram, em muito, parecidos aos de um indivíduo do senso comum, aos de um indivíduo normalmente de uma religião imediatista, não queríamos dizer que o nosso escritor não conseguia atingir a concepção transcendente de Deus, que não conseguia ultrapassar o Deus das imagens. Não o queríamos, nem o poderíamos dizer ao ler, principalmente, a última das suas obras<sup>45</sup>.

Mas voltemos, então, novamente à questão inicialmente levantada. Régio acredita num Deus pessoal, um Deus transcendente (entenda-se: o que está para além) que é “Eterno, Absoluto, Infinito, Perfeição, Verdade, Bem, Beleza”, mas que está preso à sua criatura, que se importa com este mundo. É, e fazendo uma

---

<sup>43</sup> RÉGIO, José – *Cântico...* (op. cit.), p. 126-127.

<sup>44</sup> Cf. AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos – *Op. cit.* p. 15-20.

<sup>45</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 124 e 126.

comparação, o Deus de Moisés, um Deus que, sendo algo de distante, está sempre presente no mundo dos homens, um Deus pai e amigo, capaz de sentir as necessidades e as angústias daqueles que criou. Mais uma vez a visão antropomórfica da Divindade se sobrepõe à transcendente. Este é, digamos, o Deus de Régio, ou melhor, a sua maneira de O conceber.

Contudo, e à luz da fenomenologia religiosa, esta não é (nem pode ser) a única, a perfeita, a verosímil maneira de ver a Divindade, pois, segundo ela, todos os homens podem atingir o conhecimento da religião e do sagrado qualquer que seja a sua mentalidade. Não se pense, porém, que isto vem de contra a posição de Régio, pois ele identifica-se plenamente com a análise da fenomenologia religiosa e não pretende, de maneira nenhuma, que a sua visão da Divindade seja tomada como a perfeita. Para ele, “a hipotética Palavra-Espírito de Deus não pode ser ouvida da mesma maneira por todos. Cada um de nós tem o Deus que pode ter: aquele que lhe permite a sua sensibilidade, a sua imaginação, a sua inteligência, a sua experiência, a sua cultura. Mais: cada um de nós, conforme os diversos momentos, tem diversas visões ou apreensões de Deus, - vários graus de Deus”<sup>46</sup>. E continua o autor, fazendo autêntica fenomenologia religiosa: “Mas entre o Deus da mulherzinha mais ignorante, mais simples, até mais tonta, e o Deus do mais inteligente, cultivado, ilustre e complexo dos homens - entre o Deus do primitivo que diviniza imagens materiais, atribuindo-lhes poderes supremos, e o Deus abstracto do crente que todavia filosofa superiormente - pode haver uma comunidade que nem nós podemos saber ver. Tanto num como noutro pode haver a mesma verdade essencial, isto é: não passarem de aparências e modalidades resultantes dos diversos graus pessoais de sensibilidade, imaginação, inteligência, experiência, cultura, as divergências que se nos afiguram irreduzibilidades”<sup>47</sup>.

Tudo isto, porém, levanta outro problema: se cada um tem o seu Deus, o Deus que pode ter, que tipo de manifestações tem o nosso poeta da Divindade para fazer d’ Ela a sua concepção? Eram manifestações que lhe chegavam pela sua constituição psico-fisiológica, pelas virtualidades positivas ou negativas herdadas, por um “*quid*” individual irreduzível ao que quer que seja, pelo meio, o local, o tempo em que veio ao mundo, etc.<sup>48</sup>. Quer isto dizer que eram manifestações que o poeta, como já referimos e dizia R. Otto, tinha por conaturalidade, de uma forma intrínseca ao seu ser e que constituem aquilo a que ele chama “pré-experiência”<sup>49</sup>. É esta “a intuição e o pressentimento de posições íntimas que só mais

<sup>46</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 140.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>48</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 180.

<sup>49</sup> Cf. RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 75, 179 e 180.

tarde viveria de facto ou em plenitude”<sup>50</sup>, é o conhecimento intuitivo de algo que viria a conhecer pela praxis, isto é, ele “viria ter experiência efectiva de aquilo cuja pré-experiência já lhe fora dada”<sup>51</sup>. Assim, por exemplo, “quando ele dizia “amo” sem ainda amar, “tenho necessidade de Deus” sem ainda a ter, - não fazia senão antecipar-se, adiantar-se, prever, profetizar . Tornava presente um inegável futuro”<sup>52</sup>. Concluindo, de todas estas componentes da pessoa humana como é, concretamente, a religião, possui Régio (não só ele mas todo “o criador”<sup>53</sup>) “um esclarecimento nato, uma intuição subjectiva e objectiva, um conhecimento, em suma, que a experiência da vida confirmará, desenvolverá, aprofundará, mas que a antecede e em parte a substitui”<sup>54</sup>.

Toda a religiosidade que, afinal, cada vez se vai tornando mais evidente em José Régio, cria neste homem um outro profundamente religioso e, até mesmo, “católico”. Exemplo disto é a crença na existência de um mundo e de uma vida para além destes. Esta *Vida* e este *Mundo* serão os perfeitos, os ideais, os verdadeiros, os únicos, que darão ao homem a real felicidade. É lógico que esta super-valorização dum termo obriga a uma desvalorização do outro, surgindo-nos, assim, a inevitável relatividade, insignificância e ilusão do mundo em que vivemos. Consequência final de tudo isto será a tomada de consciência, por parte do poeta, de que esta vida é uma passagem. Esta dialéctica está perfeitamente explícita e sintetizada no seu poema *Hamlet e a Caveira*:

“Por que ris, só com osso  
E três dentes?  
- Porque eu já isto, o erro é vosso:  
Vós é que ainda estais doentes”<sup>55</sup>.

Analisemos, porém, a questão mais detalhadamente e tentemos, ainda que brevemente, expor a abordagem que o poeta faz desta problemática.

Régio, começa, desde logo, por reconhecer que não é deste mundo, mas sim de “longe”, donde é e donde veio<sup>56</sup>. Depois não lhe é difícil ver que a sua vida

<sup>50</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 75.

<sup>51</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 180.

<sup>52</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 181.

<sup>53</sup> Entenda-se aqui criador como aquele que cria qualquer obra artística, literária, etc.

<sup>54</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 179.

<sup>55</sup> RÉGIO, José – *Cântico...* (op. cit.), p. 53.

<sup>56</sup> Veja-se a citação retirada de RÉGIO, José – *As encruzilhadas ...* (op. cit.) p. 63:

«Sou de longe e vim de longe,  
Para longe é que me vou...  
Eis a profunda certeza  
Que o andar cá me ensinou.

neste mundo são apenas “dois dias de hospedagem”, “talvez..., uns dias de férias” que “o Alto lhe concedeu”. Este mundo, contudo, não realiza o homem e “feia é a sua maneira de hospedar um estrangeiro”<sup>57</sup>.

Mas o que dirá a Deus, quando cá chegar, o homem que Ele enviou? Talvez nestas poucas palavras Lhe possa resumir tudo:

*“Isto, porém, meu Deus!, é a mão de estrume  
Que sou, no meio de outras mãos de tal.  
Isto é miudeza, suor, pó, azedume  
Deste homenzinho trémulo e mortal.  
É nisto que o teu filho se resume?  
Por isto é que ele vive? isto é o que val’?”<sup>58</sup>*

Para o autor, de facto, e como homem religioso, este mundo “nada vale”.

No entanto, não só o mundo é insuficiente, como também o homem, nele, nada pode fazer, nada consegue (nada de verdadeiro, note-se). Em primeiro lugar, “nada podemos saber, se nenhum conhecimento nos não vem «de fora»”<sup>59</sup>; depois, “todos os nossos saberes assentam sobre crenças: a crença é o fundamento de toda a nossa sabedoria”<sup>60</sup>; finalmente, “toda a nossa sabedoria nos pode servir para a vida terrena (para o círculo em que irremediavelmente nos movemos) porém a não ultrapassa. O Mistério ou a Revelação eis a nossa única alternativa para lá desta nossa zona”<sup>61</sup>.

Com todas estas limitações, conclui o nosso escritor, se isto é vida,

*“...  
Se é vida este vir vindo sempre à espera  
De não sei que outra coisa apetecida,  
Nem realidade sã nem vã quimera ...,  
Se é vida esta subida e esta descida  
Atás de não sei que outra primavera  
Enquanto as primaveras vão, rolando,  
E crescendo o cansaço, e o fim chegando,*

---

Por que me atirais carregos  
Que o mundo vos atirou?  
São vossos..., pois vós sois deles!  
Mas não são meus, que o não sou!

<sup>57</sup> RÉGIO, José – *As encruzilhadas ...* (op. cit.) p. 65.

<sup>58</sup> RÉGIO, José – *As encruzilhadas ...* (op. cit.) p. 197.

<sup>59</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 234.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>61</sup> *Idem, ibidem.*

*Se é vida este jogar a ser jogado  
Nesta ora adoração do próprio umbigo  
Ora ânsia de exceder curvo ou quadrado  
De qualquer ventre ou de qualquer postigo,  
Se é vida o expresso ou contraído brado  
Deste lutar com todos e comigo,  
Se é vida este contínuo e fruste parto,  
Vivi, Senhor!, vivi! mas cáí farto.*

*Cáí farto de mim, Senhor!, exausto,  
Farto de mim, de tudo, exausto, imbele,  
Vazio ante esse excesso do teu fausto  
E sem vida ante a Vida..., como aquele  
Que, num supremo olhar e último hausto,  
Próximo já do Norte já não dele,  
Mais não recolhe que a fugaz visão  
Dum Pólo a que só outros chegarão...<sup>62</sup>*

Contudo, se o poeta veio de longe, também não ficará aqui e é “para longe” que ele vai<sup>63</sup>. Mas, e na perspectiva religiosa deste homem, como chegar, qual o caminho que nos levará ao *Além*, à *Vida*, à *Felicidade*? Essa via é o fim desta vida, é morte, que deve ser entendida como aquilo que dá acesso ao *Tudo*, ao *Amor*, a *Deus*. Para José Régio *Amor* e *Morte* praticamente se identificam<sup>64</sup> a um certo nível:

“...  
*Seja quem for,  
Só um dos dois pode ser  
Desde que não a fingir:  
A Morte, o Amor*”<sup>65</sup>.

A morte tanto pode ser a passagem para um *Tudo* como para um “nada-nada”. Porém, para se chegar a esse *Tudo*, que tipo de vida se deve ter neste

---

<sup>62</sup> RÉGIO, José – *As encruzilhadas ... (op. cit.)* p. 193-195.

<sup>63</sup> Cf. nota 56.

<sup>64</sup> Atente-se na seguinte passagem de RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 224 «Nesta dúvida entre a Morte e o Amor, o Nada e o Tudo, como na ambiguidade entre a significação de morte como o fim sem sentido, «nada-nada», e a sua significação como radiosa abertura para o Tudo, o Amor, Deus, (o que tornaria quase sinónimos os dois termos de Morte e Amor) está toda a suprema ambiguidade de «Cântico Suspenso»: está, em suma, a grande suspensão do Cântico. Suponho não ser difícil ver como se torna coerente essa ambiguidade com as minhas intermitências entre a Fé e a Descrença, ou a minha tentativa de conciliação no crer-não crendo”.

<sup>65</sup> RÉGIO, José – *Cântico...* (op. cit.), p. 154.

mundo? Uma vida despojada de tudo o que seja glória e honra, louros e aplausos, fortuna e prazer, enfim, uma vida humilde e desprendida como prega a grande maioria das religiões. Com esta vivência, os pobres daqui serão os ricos do *Além*, os infelizes deste mundo serão os felizes no *Outro*. Os sem nada serão os heróis de que nos falam os versos seguintes:

“...  
*Vida!, vida sarcasta,*  
*Brutal, terrível madrastra*  
*Dos filhos que mais te querem!:*  
*Que fizeste daquele pobre herói*  
*Que sonhava os reptos de Hércules,*  
*E sorria com olhos de veludo?*  
*Que fizeste daquele pobre herói?*  
*- Fi-lo herói a valer...: tirei-lhe tudo”<sup>66</sup>.*

São já muitas as questões ligadas à religião e ao problema de Deus que apouquentam e ocupam José Régio. Começam, até, a preencher a maior parte da sua vida, passando, para ele, a religiosidade a estar acima de tudo. Dizendo duma forma mais clara, para este homem religioso, “tudo mais é secundário em relação à vida religiosa”<sup>67</sup>. O efêmero, o relativo o contingente não podem fazer o homem de fé perder o sentido do *Eterno*, do *Absoluto*, do *Imutável*. Não é de recusar o interesse pelas coisas terrenas desde que “se não sobreponham à vida religiosa, - que seria o mais alto grau do homem mesmo que Deus não existisse; mesmo que Deus fosse uma invenção do homem...<sup>68</sup> em tal caso a sua mais alta”<sup>69</sup>. Tendo a vida religiosa por suprema, acha Régio que o homem não a deveria submeter a qualquer outra tida por inferior, inclusive a vida artística<sup>70</sup>.

Tudo isto, todas estas privações neste mundo, toda esta viragem para Deus, vale a pena porque o homem religioso espera ter, e tem sempre, algumas recompensas (para além das já referidas *Salvação*, *Felicidade*, e *Vida Eterna*). Uma delas é a capacidade de transcender as “nossas mesquinhices e tão importantes

---

<sup>66</sup> RÉGIO, José – *As encruzilhadas ... (op. cit.)* p. 96. Cf. esta ideia com a passagem bíblica: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados...” (Mt. V, 3-6). Cf. ainda com Lc. XIV, 7-11.

<sup>67</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 187.

<sup>68</sup> Note-se que Régio não acredita ser o homem que cria Deus.

<sup>69</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 189.

<sup>70</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 190.

desinteligências”e, por isso, conseguir melhorar as relações com os outros homens<sup>71</sup>. A outra era “a certeza íntima de que só através de uma vida religiosa autêntica – ... – pode “o homem ultrapassar os terríveis limites que atiram os homens uns contra os outros”<sup>72</sup>.

Passemos agora a outro vértice desta problemática:

Sabe-se perfeitamente que José Régio e a Religião (melhor seria Igreja?) Católica nunca<sup>73</sup> andaram muito de mãos dadas devido, por um lado, à descrença, por parte do primeiro, em dogmas que são básicos para a segunda e, por outro, pelas severas críticas que o nosso homem nunca poupou à religião dos seus pais. Mas o que é que ele critica na Religião Católica?

Não queremos debater aqui as divergências e as dissonâncias de Régio com a Igreja Católica. Não o queremos, porque é um problema que qualquer um (para além do próprio poeta) que queira acerca dele dissertar, só poderá ficar no campo das hipóteses pois é uma questão com prós e contras muito profundos e íntimos; depois, não o queremos porque esse debate retirar-nos-ia da espinha dorsal desta análise e levar-nos-ia para outros campos. Daí que o que vamos apresentar como críticas de Régio à Religião Católica praticamente se podem aceitar como sendo dirigidas a qualquer uma das religiões institucionalizadas existentes actualmente, sobretudo as do Ocidente Europeu.

Esclareça-se, desde já, que, em nosso entender, as críticas de José Régio são sempre no sentido construtivo e nunca destrutivo<sup>74</sup>; ele critica sempre com o fim de melhorar e nunca com o de destruir. Aliás, se, por exemplo, Karl Marx apostava fortemente na destruição da religião, Régio nem acreditava sequer na possibilidade de isso acontecer. “Como negar a religião, ou destruir a religiosidade humana, quando continua esta a afirmar-se mesmo através de tais paradoxos, sofismas, incoerências<sup>75</sup> ou como quer que se lhes chame? Com Deus – e fosse que Deus fosse ou fosse como fosse já eu podia viver muito mais contente e aceitar a velhice e a morte: amar a vida já não só animalmente pelos sentidos e preparar-me tranquilamente para a morte cuja ideia aterrava os meus instintos. Os que falam da religião como da alienação suprema – não podem compreender de quantas

---

<sup>71</sup> Cf. com a passagem de RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 170: “Em primeiro lugar, e sempre não obstante, alguma real melhoria nas minhas relações com os outros homens: Além de, para com eles, os movimentos afectuosos que nos são naturais e comuns, – tão naturais e comuns como os seus opostos – às vezes, embora raras, aquelas posições que me permitia uma impressão (?) profunda de sobrepairar, transcender as nossas mesquinhas e tão importantes desinteligências.

<sup>72</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>73</sup> Exceptue-se os anos da infância e os primeiros da mocidade como é evidente.

<sup>74</sup> Isto é, a intenção dele é sempre nesse sentido e, na sua perspectiva, é isso que acontece.

<sup>75</sup> Tudo fenómenos que se passam na sua pessoa.

alienações ela nos liberta”<sup>76</sup>. Porém, se neste ponto Régio se opõe a Karl Marx, outro há em que eles se encontram e têm aspectos comuns. Tal como o alemão de origem judaica o que o vilacondense critica essencialmente na religião é o seu aproveitamento é a sua caricatura, é uma fachada de religião. Passemos, no entanto, mais à especificação.

O primeiro grande cavalo de batalha de Régio são os exagerados formalismos religiosos. Para ele, esse “*facies*” da religião, quando exagerado, nada tem de religioso. Sigamos ou não esta ideia, é um facto que muitas festividades e celebrações religiosas são dignas e merecedoras desta crítica. Bastará ler, e para pegar num exemplo da obra deste escritor, o seu poema *Reportagem*<sup>77</sup>, do seu livro *A Chaga do Lado*. Aí, tudo o que seja *Verdadeiro*<sup>78</sup> é esmagado, escondido, repellido, havendo sim o predomínio do rico, do pomposo, do ritual, do aparato. No fim de o lermos, e se quisermos saber o que de religioso tem tudo isto, então teremos de tal como José Régio o faz, perguntar:

“ ...  
*Os santos dos altares,*  
*Esses heróis,*  
*Ou os mortos sob as pedras tumulares,*  
*Que pensariam disto?*  
*Viam tal invasão com bons olhares?*<sup>79</sup>”

Continuemos em *A Chaga do Lado*, e enriqueçamos o nosso texto com mais um exemplo das críticas que Régio impõe à religião que observa praticar em seu redor. Citemos partes sugestivas do *Non est hic*<sup>80</sup>:

“...  
*E, blasfemando e rindo, o corpo miserando*  
*LhO vestiram de dores.*  
*Mas o pior foi quando*  
*LhO cobriram de flores!*  
 ...  
*Espetaram-lhe a lança, - estava morto,*  
*Sangue manou, com água, dessa chaga...*  
*Mas o pior é que, para nosso conforto,*  
*Já tudo a Pia de água benta alaga!*”

<sup>76</sup> RÉGIO, José – *Confissão ...* (op. cit.) p. 239.

<sup>77</sup> RÉGIO, José – *A chaga do lado*. 3ª ed. Porto : Brasília Editora, 1970, p. 47-58.

<sup>78</sup> No sentido referido na p. 19 com a cit. do poema *Fértil desespero*.

<sup>79</sup> RÉGIO, José – *A chaga ...* (op. cit.) p. 51.

<sup>80</sup> RÉGIO, José – *A chaga ...* (op. cit.) p. 103-114.

...  
Mas o pior foi quando, não descrentes,  
Sobre dogmas e incenso O ergueram no seu sólio,  
E, nos degraus sentando-se, imponentes,  
Fizeram de Ele monopólio.

...<sup>81</sup>

Toda esta religiosidade é formalmente muito bonita mas, conclui Régio, Deus *Non est hic*.

Passa depois o poeta de uma crítica dos aspectos exteriores para o mais íntimo e interno da religião: censura o espírito pagão com que muitas cerimónias religiosas eram cumpridas. Temos, também para aqui, um exemplo que ainda é actual e que já o nosso escritor tocou e chamou a atenção: a festa do S. João. Quantos de nós, ainda hoje ao festejarmos este santo, paramos a nossa folia uns instantes para termos um acto de reflexão e oração para com o patrono do dia? São ainda bem claras a este respeito as palavras de Orlando Taipa no seu prefácio à *Confissão dum Homem Religioso*: “Visitara Portalegre, em 12 de Maio desse ano, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima e pareceram-lhe<sup>82</sup> tão descomandadas as manifestações com o mais grosseiro feiticismo, o mais chão paganismo, a mais grosseira idolatria – desde o ridículo dos programas que anunciavam a visita até às arengas de certo frade franciscano – que deveras se indignou”<sup>83</sup>. É em muitas destas festas que a simples mas profunda religiosidade popular é múltiplas vezes explorada pelos representantes locais da Instituição que é a Igreja. Isto é sempre atacado de frente por um homem profundamente religioso. Podemos, finalmente, incluir um terceiro ponto no rol das principais práticas católicas repudiadas por Régio: a extrema e excessiva humanização de certos santos, de muitas imagens de Jesus, e até mesmo de Nossa Senhora. Ele compreendia que isso tivesse que ser feito para um melhor acesso das pessoas menos preparadas aos níveis mais difíceis da Religião e criticava, até, quem o não compreendia<sup>84</sup>. O que ele vê, contudo, à sua volta são exageros e esses ele critica fortemente.

---

<sup>81</sup> RÉGIO, José – *A chaga ... (op. cit.)* p. 107-109.

<sup>82</sup> *Lhe* a ele, Régio.

<sup>83</sup> RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 8-9.

<sup>84</sup> Cf. com a seguinte passagem: “O culto das imagens, que aos religiosos evoluídos de hoje parecerá anacrónico, ultrapassado, supersticioso, pagão, primitivo, decerto revelava (ou revela, porque ainda persiste nas gentes simples) um obscuro e atávico feiticismo. E nem por isso, e quem não o entende pouco entende das complexidades da vida religiosa profunda, era ou é vazio de verdadeira espiritualidade. Bem sabiam – bem n-o sabiam, embora aparentemente o esquecessem, esses veneradores ou veneradoras de imagens! – que elas não são senão «imagens», retratos, evocações, dos verdadeiros Seres vivos e transcendentes que «estão no céu». Digamos que servem de intermediários entre os pobres de nós e Esses”, in RÉGIO, José – *Confissão ... (op. cit.)* p. 56-57.

Então, com que tipo de religião e de religiosidade se identifica José Régio?

Começemos pela última: A religiosidade para Régio começa, por um lado, por implicar amor e caridade para com os nossos semelhantes e, por outro, predispõe o indivíduo a ultrapassar tais sentimentos enquanto meramente humanos, consequentemente imperfeitos e difíceis, e o inclina ao pessimismo perante a *Humanidade sem Graça*<sup>85</sup>. A religiosidade deste poeta, até para não cair em contradição consigo próprio, tinha de ser, e era, mais virada para o íntimo, para o interior, para o coração. Assentava no *Amor* e na *Bondade* dos homens entre si e na elevação desse amor comum a Deus.

Esta ideia aparece já ligada à sua visão de uma verdadeira religião, porque, “elevant, pois, o homem ao trono de Deus; substituir Deus pelo homem; reduzir o amor divino ao humano, - criar, em suma, a religião do homem - nunca poderá satisfazer os que tenham sede de Absoluto: necessidade de Deus. Quaisquer religiões do homem serão sempre “pequenas”, não passando de uma espécie de caricaturas ou paródias da Religião. Na melhor das hipóteses, de uma sua aproximação”<sup>86</sup>. A religião, para Régio, devia ter por missão principal “conciliar tanto quanto possível os aparentes inconciliáveis”<sup>87</sup> deste mundo. A sua religião deveria ser um meio de apaziguar o estado interno da pessoa, um meio de fazer o indivíduo feliz. Daí que ele nunca concorde com a ideia de uma religião soturna e aterrada<sup>88</sup>. Na “sua” religião, ou melhor, na sua maneira de a conceber, enquadrava-se a ideia de que todas as religiões se deviam unificar, isto é, todas deviam (e devem) ser aceites pois, “todos os deuses (...) são verdadeiros em Deus. (...) Todas as religiões são na mesma aceitáveis e insuficientes (só as pode haver mais ou menos evoluídas de certo ponto de vista) porque todas procuram Deus pelos nossos meios, ou O revelam se, por seus meios próprios hipoteticamente variados, Ele consente em revelar-se”<sup>89</sup>. Toda a religião, porém, deve ultrapassar o nível humano, porque, “qualquer chamada religião do homem fica verbal - ou se limita a conveniência social, a empirismo, a um sistema de convenções - se, fundamentalmente, não transcende essa chamada religião do homem para ser religião de Deus, manifes-

---

<sup>85</sup> “Mas se, por um lado, a religiosidade começa por implicar amor e caridade para com os nossos semelhantes – um amor e uma caridade ainda não propriamente religiosos no rigor do qualificativo – por outro predispõe o indivíduo a ultrapassar tais sentimentos enquanto meramente humanos, consequentemente imperfeitos e difíceis como vimos, e o inclina ao pessimismo, que também vimos, perante a humanidade sem a Graça”, in RÉGIO, José - *Confissão ... (op. cit.)* p. 164.

<sup>86</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>87</sup> RÉGIO, José - *Confissão ... (op. cit.)* p. 188.

<sup>88</sup> Cf. RÉGIO, José - *Confissão ... (op. cit.)* p. 40.

<sup>89</sup> RÉGIO, José - *Confissão ... (op. cit.)* p. 143.

tada entre os homens”<sup>90</sup>. “A religião de Deus, manifestada entre os homens” é a religião de José Régio.

Mas, concretizando, que religião queria José Régio?

A resposta a esta questão morreu com ele. O último capítulo do livro<sup>91</sup> “que talvez Deus não quisesse que ele acabasse”<sup>92</sup> disso, certamente, iria tratar. No entanto, dele só o título sabemos - *A Religião para sempre* -. O que se pode dizer, como hipótese bastante provável, é que Régio achava que deveria haver uma nova forma de Religião (que ele próprio não sabia qual era), uma religião que ultrapassasse as debilidades que ele encontrava no catolicismo. Certamente que ele não ia, nesse último capítulo, apresentar as linhas básicas e mestras dessa religião, pois não pretendia ser o fundador de mais uma. A religião que ele defendia estava ainda em branco, estava ainda por definir e construir, tal como o quinto evangelho trazido, em branco, pelo profeta...

Não faremos considerações finais e globais mas servir-nos-emos, para terminar, de três citações do próprio escritor, as quais, melhor do que ninguém e do que quaisquer expressões rematá-lo-ão:

*“Viver (interiormente e exteriormente) como se Deus existisse e eu cresse não só na sua existência mas também na sua comunicação com os homens - já me era pois relativamente fácil”<sup>93</sup>.*

*“Soou, portanto, a hora de deitar-me.  
Que eu, pois, me apresse a erguer o meu resgate  
Cantando-te, meu Deus!, meu Alto Alarme,  
Que antes de me eu deitar me despertaste!  
Meus olhos vis e vesgos de fixar-me,  
Tu mos abriste à Vida e mos rasgaste...  
Bendito sejas, Pai, louvado sejas!,  
Em quaisquer livros, ritos, céus, igrejas”<sup>94</sup>.*

*“E não mais, versos meus, palavras mortas,  
Não mais!, que a voz se me enrouquece em vão.  
Cale-me eu ao fragor, Senhor, das Portas  
Do teu imenso Sim que não tem não!  
Não mais eu te erga, em público, as mãos tortas,*

---

<sup>90</sup> RÉGIO, José - *Confissão ...* (op. cit.) p. 171.

<sup>91</sup> RÉGIO, José - *Confissão ...* (op. cit.).

<sup>92</sup> Disse ele a Orlando Taipa pouco antes de falecer.

<sup>93</sup> RÉGIO, José - *Confissão ...* (op. cit.) p. 239.

<sup>94</sup> *Sarça Ardente*, in RÉGIO, José - *As encruzilhadas ...* (op. cit.), oitava 24, p. 195.

*Com reservas a doer no coração...  
Não mais! E nos silêncios do meu verso,  
Fala tu!, Voz Suprema do Universo*<sup>95</sup>.

## Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Maria Manuela Gomes de; PINTO, António Ventura dos Santos – *O Aspecto Religioso em José Régio*. Vila do Conde, 1985.
- CAILLOIS, Roger – *L'homme et le sacré*. Paris: Leroux, 1939 (Mythes et religions).
- DURKHEIM, Émile – *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*. Paris: Félix Alcan, 1912.
- ELIADE, M. – *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, [19--].  
– *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1977.
- MARQUES, João Francisco – *Raízes e percurso de José Régio (1961-1969)*. Vila do Conde: Centro de Estudos Regionais de Vila do Conde, 2001.
- OTTO, R. – *Le sacré: l'élément non-rationnel dans l'idée du divin et sa relation avec le rationnel*. Paris: Payot, 1929.
- PEREIRA, João Maria – *O aspecto religioso na vida de José Régio*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001.
- RÉGIO, José – *Confissão dum homem religioso*. Porto: Brasília Editora, 1971.  
– *Poemas de Deus e do Diabo*. 9ª ed. Porto: Brasília Editora, 1978.  
– *As encruzilhadas de Deus*. 6ª ed. Porto: Brasília Editora, 1970.  
– *Cântico Suspenso*. Porto: Brasília Editora, 1971.  
– *A chaga do lado*. 3ª ed. Porto: Brasília Editora, 1970.
- TAIPA, Orlando – *O individualismo cristão de José Régio*. In *In Memoriam*. Porto: Brasília Editora, 1970.
- LEEUW, Van der – *Phénoménologie religieuse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

---

<sup>95</sup> *Idem, ibidem*, oitava 38, p. 201.